

Conic resgata vitalidade perdida

ÉRICA MONTENEGRO
DA EQUIPE DO CORREIO

F

eio, velho, sujo e perigoso, o Conic envergonhava a cidade inventada. Até o nome certinho escolhido por Lucio Costa — Setor de Diversões Sul (SDS) — era rejeitado. Do conjunto de 13 prédios levantados na área central de Brasília, dizia-se que era melhor derrubar e construir tudo de novo, tijolo por tijolo. Eis que, aos 30 anos, o Conic dá sinais de recuperação. Antigos prédios passam por reformas. Empresários inauguram lojas e escritórios. Praças recebem frequentadores diferentes dos que renderam má fama ao lugar.

Nos corredores, é possível perceber as mudanças. O Conic está mais limpo e bem frequentado. Cerca de 30 mil pessoas, de todos os tipos, passam por ali diariamente. Mas o processo de rejuvenescimento ainda é informal. “É assim: cada um dá o que pode”, conta a prefeita comunitária da área, Flávia Portela.

O Conic ainda não pode ser considerado um lugar pacato — tráfico de drogas, cafetinagem e aplicação de golpes persistem por ali. Durante a noite, a praça em frente ao SDS é ponto de garotos de programa. Mas o número de ocorrências policiais cai ano a ano. Em 2002, foram 80 registros nos primeiros seis meses. Este ano, houve 53 no mesmo período. Uma redução de 46%. Se comparada a 2001, que acumulou 137 ocorrências no primeiro semestre, a redução é ainda maior: 68%.

“Aqui não é tão perigoso quanto as pessoas imaginam”, informa o major Adauto Lima de Amorim Júnior, comandante da 7ª Companhia de Policiamento Independente (Cpmind), sediada no Conic. Atualmente, oito policiais militares fazem ronda na área. Outro grupo, à paisana, inibe a venda de entorpecentes no local, maior preocupação da polícia.

Valorização

O resgate do SDS é feito sem incentivos do governo e não segue cronograma de metas. Começou em 1998, quando os proprietários do Boulevard, um dos prédios do setor, resolveram reformá-lo. “As obras chamaram atenção dos outros condomínios, que se organizaram para melhorar o lugar”, descreve Luiz Carlos Attié, presidente do Conselho Regional de Corretores de Imóveis (Creci), com sede no Boulevard.

Os dados do Creci apontam que, desde então, o preço e a procura por imóveis no conjunto de 22 mil m² aumentaram 15%, em média. O Conic morto-vivo de antigamente tinha duas lojas fechadas para cada grupo de dez. No Conic-ressuscitado, apenas 5% dos 1.300 pontos comerciais estão com as portas fechadas.

No cargo de prefeita comunitária há dois meses, a arquiteta Flávia Portela pretende transformar o Conic em pólo artístico do DF. Para tanto, aposta na diversidade do lugar. Toda quarta-feira, Flávia promove shows em frente ao edifício Eldorado e, uma vez por mês, organiza lançamentos de livros. Produtores de eventos improvisam boates e palcos de show nos *becos do mijo*, apelido das galerias subterrâneas do SDS. “A visão de submundo que as pessoas fazem daqui não corresponde à realidade”, defende a produtora Jenny Choe, 20 anos.

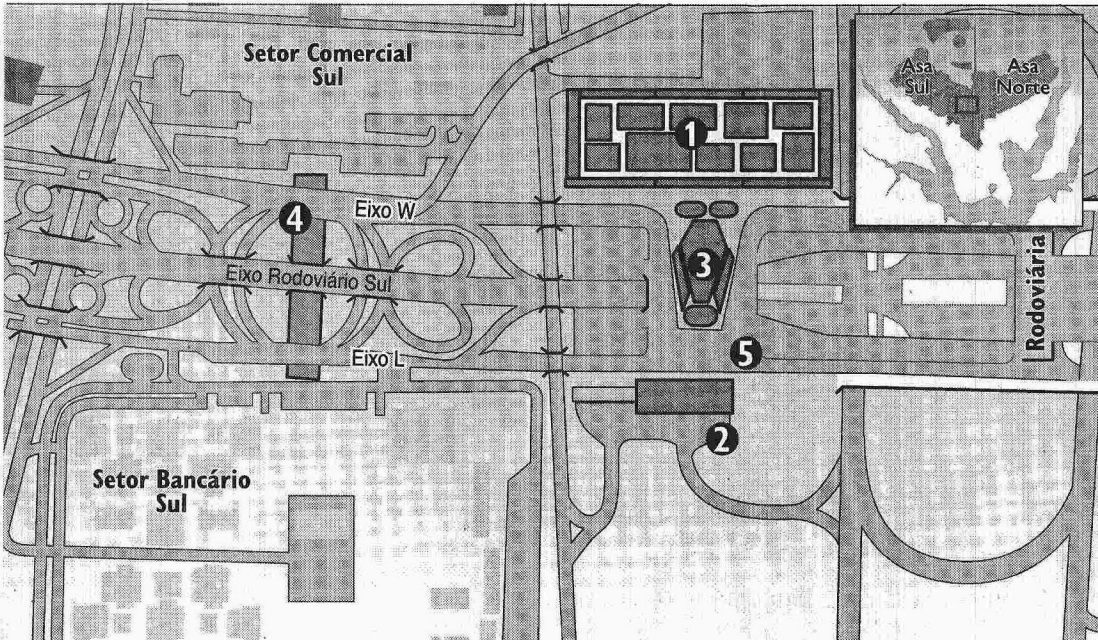
O presidente do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB-DF), Sérgio Brandão, arrisca uma explicação sociológica para o renascimento do Conic. “Brasília não tinha brasileiros, agora que eles existem, encarregam-se de tomar conta da cidade”, diz. Outro arquiteto, o pioneiro Carlos Magalhães, também se impressionou. “O lugar caminha para ter o papel gregário imaginado por Lucio Costa.”

Fotos: Carlos Moura

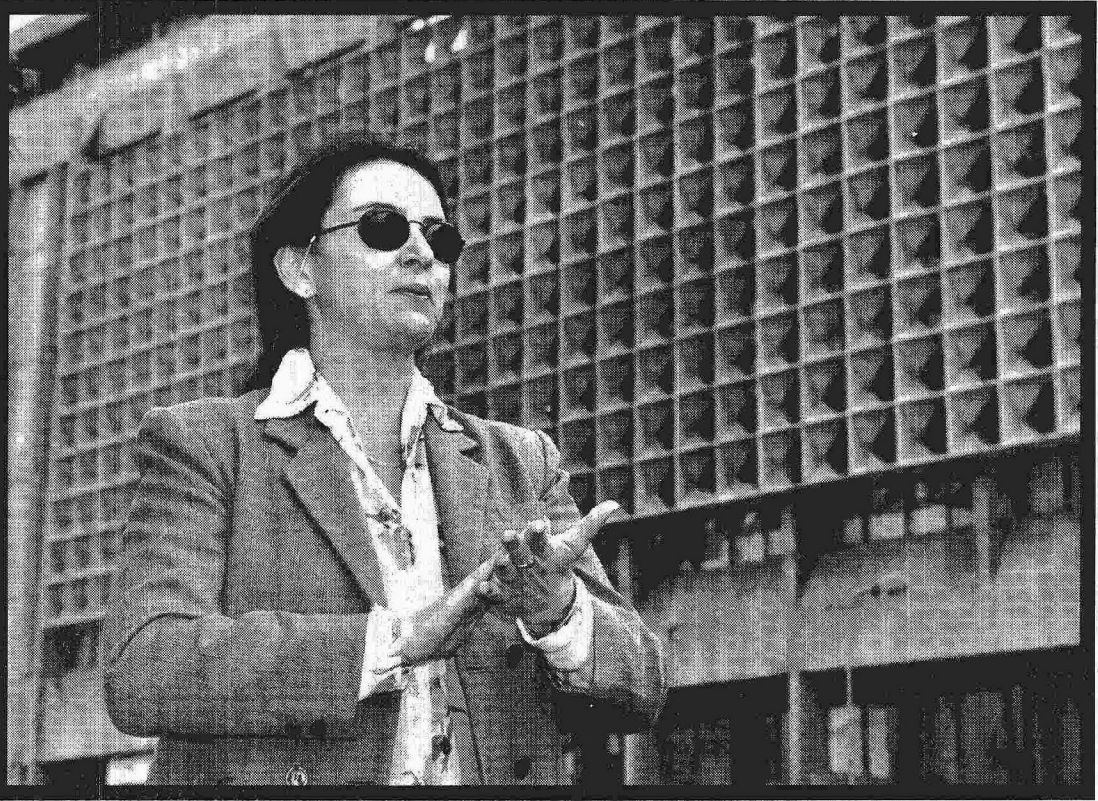


GRUPO DE EMPRESÁRIOS E PRODUTORES CULTURAIS QUE ESTÃO ENVOLVIDOS NO PROJETO DE REVITALIZAÇÃO DO CONIC: TRINTA ANOS APÓS A INAUGURAÇÃO, CENTRO COMERCIAL TENTA ACABAR COM A MÁ FAMA

A SITUAÇÃO DE CADA ÁREA



- 1 Setor de Diversões Sul**
Há anos o conjunto de prédios passa por um processo de degradação. Os principais problemas são a falta de segurança e as invasões de áreas públicas. Os comerciantes estão empenhados em revitalizar o lugar. Para tanto, investem em infra-estrutura e apostam na vocação cultural do Conic.
- 2 Touring**
Prédio desenhado por Oscar Niemeyer está abandonado, apenas um terço do espaço é usado como escritório do clube de serviços automobilísticos. Sala vazia no andar de baixo serve de dormitório para sem-teto e vão livre virou ateliê de pintura de faixas.
- 3 Praça em frente ao Conic**
As fontes não funcionam, alguns dos bancos de madeira estão quebrados, os canteiros estão secos, a iluminação pública é fraca. De noite, o lugar vira ponto de michês.
- 4 Galeria dos Estados**
Área que liga o Setor Bancário Sul ao Setor Comercial Sul ganhou frequentadores com a inauguração do metrô. Mas comerciantes enfrentam problema de falta de alvará.
- 5 Passarela entre a praça e o Touring (Buraco do Rock)**
Espaço que já foi usado para shows musicais também está abandonado. De noite, é usado como moradia por sem-teto e vira ponto de consumo de drogas.



A PREFEITA COMUNITÁRIA, FLÁVIA PORTELA, QUER TRANSFORMAR O CONIC EM UM PÓLO CULTURAL DO DF

Descaso no Touring e Galeria dos Estados

A vitalidade do Conic contrasta com o abandono dos vizinhos próximos. A área central de Brasília já não serve para ilustrar cartões postais. Parece de descuido crônico. Desenhado por Oscar Niemeyer, o prédio do Touring não recebe visitantes e está de portas fechadas. A Galeria dos Estados perdeu lojas e os comerciantes que ficaram estão ameaçados de despejo. Na praça em frente ao SDS, os jardins estão secos, os bancos quebrados e as fontes não funcionam mais.

Com vista privilegiada para a Esplanada dos Ministérios, o Touring de Brasília tem apenas um terço da área total ocupada. As partes do edifício que não estão isoladas por tranças, viraram pouso de sem-teto. O vão livre da parte de baixo é usado irregularmente para pintura de faixas publicitárias. “Faz dó, quem conheceu isso aqui antes fica besta de ver como está hoje”, lamenta uma funcionária que pede para não ser identificada.

Desperdício

Até meados da década de 90, o salão do prédio abrigava exposições de carros antigos. Hoje, não há informações sobre os planos que o clube de serviços têm para a cobiçada área. O superintendente do grupo baseado no Rio de Janeiro, Paulo Máximo, não retornou os contatos feitos pela reportagem. Sem poder intervir na área particular, a administração de Brasília depende da direção do Touring para dar algum tipo de uso ao lugar. “É um desperdício deixar aquele espaço abandonado”, afirma o administrador Clayton Aguiar.

Na Galeria dos Estados, o impasse é inverso. Os comerciantes instalados na área cobram do governo uma definição para a situação em

que se encontram. Há mais de cinco anos, os termos de cessação de uso das lojas venceram — em situação irregular, eles podem ser desalojados a qualquer hora. Nem mesmo o lançamento de um edital de licitação dos 78 pontos comerciais, previsto para os próximos dias, tranquiliza os comerciantes.

“Não posso fazer investimentos aqui porque amanhã ou depois posso ser despejado”, argumenta Joaquim Miranda, dono da Churrascaria Floresta. Inaugurada em 1978, junto com a Galeria dos Estados, a casa de 300 metros quadrados conserva características do passado, como espelhos e pedras fixadas nas paredes e piso de granito escuro.

Presidente da Associação de Lojistas da Galeria dos Estados, Maria Inês Fontenele Mourão, conta que muitos comerciantes faliram durante as obras de construção do metrô. “Vivíamos em meio a poeira e ao barulho, teve gente que não agüentou”, afirma. Das 73 lojas localizadas no subsolo entre o Setor Bancário Sul (SBS) e o Setor Comercial Sul (SCS), 16 estão fechadas. “O governo precisa definir a nossa situação, assim fica impossível fazer melhorias”, reclama.

Clayton Aguiar garante que os comerciantes estabelecidos no local terão o direito de cobrir a melhor oferta apresentada e promete fazer os reparos necessários à praça central. O administrador tem, ainda, uma boa notícia para os apreciadores de rock: dará andamento ao processo que permitirá o uso da passarela que liga o Touring ao Conic para apresentação de bandas locais. “Não conhecia a idéia, mas eles têm minha simpatia”, afirma. Usado até 1996 por artistas locais, a área também tem sido usada como abrigo de sem-teto.